



## A IMIGRAÇÃO SUBSIDIADA: OS CONTRATOS PARA INTRODUÇÃO DE ESPANHÓIS NO PARÁ

**Francisco Pereira Smith Júnior\***  
Universidade Federal do Pará  
[fsmith@ufpa.br](mailto:fsmith@ufpa.br)

**RESUMO:** Os anos de 1890 a 1920 se destacaram na história das migrações internacionais no Pará. Houve neste período uma eficaz propaganda migratória na Europa fazendo com que o Estado recebesse um significativo número de imigrantes europeus. Esses imigrantes fizeram parte de um exercito de estrangeiros que tinham o papel de povoar e trabalhar na Amazônia. Neste cenário, destacaram-se muitos espanhóis que vieram viver o sonho do “eldorado amazônico”, juntos com suas famílias e recomeçaram sua história de vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** espanhóis, imigrantes, contratos, Pará

## THE SUBSIDIZED IMMIGRATION: CONTRACTS FOR INTRODUCTION OF SPANIARDS IN PARÁ

**ABSTRACT:** The years of 1890-1920 stood out in the history of international migration in Para. There was at that time an effective migratory advertising in Europe causing the state to receive a significant number of immigrants from Europe. These immigrants were part of an army of foreigners who had the role of people and work in the Amazon. In this scenario, the highlights were many Spaniards who came to live the dream of the "Amazon eldorado", together with their families and resumed his life story.

**KEYWORDS:** Spanish, immigrants, contracts, Pará

## OS CONTRATOS DE IMIGRAÇÃO: A INTRODUÇÃO DOS ESPANHÓIS NO PARÁ.

Os contratos de introdução de imigrantes estrangeiros em terras paraenses iniciam em 1894, com previsão de execução de contrato para 1895. De acordo com o contrato, Francisco Cepeda e Heleodoro Jaramillo introduziriam 15.000 imigrantes

---

\* Professor da Universidade Federal do Pará.

européus. O Sr. Emílio Martins estaria responsável por mais 10.000 imigrantes europeus, e William Brice e Dr. Wencéslo Alves Leite também iriam introduzir 10.000 na mesma condição, totalizando 35.000 imigrantes. Além de um contrato específico, firmado com Júlio Benavides, representante da companhia Oriental de Imigração e Comércio, no qual teria responsabilidade de introduzir 3.000 japoneses na região<sup>1</sup>.

Aos 15 de agosto e aos 15 de novembro de 1895 firmaram-se, na repartição de obras publicas, os primeiros contractos, com cidadãos Francisco Cepeda, Emilio A.C. Martins e William Brice, para a introdução de 35.000 immigrants de várias nacionalidades europeias e das Antilhas, e a 21 de Agosto de 1895 foi contractado com o cidadão Julio Benavides representante da companhia oriental de immigração e commercio, a introducção de 3.000 japonezes.<sup>2</sup>

Em 21 de fevereiro de 1896, o governador do estado do Pará, Lauro Sodré, sancionou a lei de número 330, na qual estava autorizando e também estabelecia a entrada de cem mil imigrantes na região ao longo de dez anos, somente para aqueles que desejassem se fixar como agricultores, ou em qualquer outra ramificação da indústria no estado. A esses imigrantes seria garantido tratamento médico nos núcleos coloniais, hospedagens, refeições, transporte e passagens nos vapores que geralmente saíam de Vigo. Dentre os vapores destacaram-se o Paraense, Brasil, Hilary, Cametense, Lisbonense, Justine, Grangense, Mananense, Dunstan, Cearense, Polycarp e Fluminense.

Mas em 1º de fevereiro de 1900, o governador Paes de Carvalho confessa ter existido uma paralisação na entrada de imigrantes espanhóis no Pará no final do século XIX, isso em função do aparecimento de doenças. Entretanto o governador Paes de Carvalho não desistia de promover a migração estrangeira no estado. Prometeu até doação de 25 hectares de terras férteis para aqueles que se dedicassem à agricultura nos núcleos coloniais, bem como proporcionar o que fosse necessário, desde as ferramentas para desenvolver o trabalho agrícola até a garantia de alimentação, e continuou sua campanha migratória.

Muitos imigrantes estrangeiros foram atraídos pelas promessas políticas do Estado. De início eram alojados na hospedaria de imigrantes do Outeiro, para dias

---

<sup>1</sup> Mensagem do governador Lauro Sodré ao Congresso do Estado do Pará em 01 de fevereiro de 1897. Relatório de presidente de província.

<sup>2</sup> Trecho do relatório do governador Lauro Sodré, em 01 de fevereiro de 1897.

depois, seguirem a viagem, de trem, que os levariam às colônias agrícolas de destino. A hospedaria era uma referência para aqueles que chegavam e necessitavam de apoio e acolhida local, representava o local de aproximação do imigrante ao estado paraense, era a responsável também por enviar os imigrantes às respectivas colônias agrícolas de destino. Foi muito citada nos relatórios de presidente de província, como no relatório de Paes de Carvalho de 01 de fevereiro de 1901, em que comenta a reforma predial do lugar ser necessária para manter a ordem e o funcionamento do estabelecimento.

Hospedaria do Immigrantes - Diversas foram as obras e reparos feitos para o aumento deste estabelecimento, situado na ilha Caratateua, próximo da capital, no sentido de darhe maiores proporções para alojamento dos imigrantes e distribuição dos serviços de sua administração, economia e hygiene <sup>3</sup>

Seriam 25.000 os imigrantes estrangeiros a serem introduzidos no estado sob a responsabilidade de dois agentes contratantes. Francisco Cepeda obteve um contrato para introduzir 15 mil espanhóis, na maioria galega, mas também das províncias de Salamanca e Zamora e Emilio Adolfo de Castro Martins com o contrato de introduzir os 10.000 restantes.



Os contratantes da introdução dos colonos estrangeiros no Pará foram os senhores Francisco Cepeda e Emílio Adolfo de Castro Martins. Nos termos dos respectivos contratos, ambos deveriam introduzir 25.000 colonos, ficando 15.000 sob a responsabilidade do Sr. Francisco Cepeda e 10.000 sob a do Sr. Emílio Martins. Todavia, só chegaram a 12.024 imigrantes, o que deu motivo a rescisão do contrato de ambos, mediante a indenização de 220 contos de reis ao primeiro e de 100 contos de reis ao segundo, em papel e em títulos do empréstimo externo. <sup>4</sup>

Tabela 1 – Imigrantes espanhóis introduzidos no Pará por Emilio Martins e Francisco Cepeda (1896-1900)

Ano	Emilio Martins	Francisco Cepeda
1896	1.916	979
1897	1.848	1.198
1898	2.166	876
1899	1.032	798
1900	1.560	856

Fonte: Muniz (1916, p. 95). Adaptado pelo autor

<sup>3</sup> Trecho do relatório de Paes de Carvalho, em 01 de fevereiro de 1901.

<sup>4</sup> CRUZ, Ernesto. **A Estrada de ferro de Bragança**. Belém: SPVEA, 1955, p. 54

No que diz respeito aos principais núcleos coloniais de imigração espanhola, criados pelo governo do estado destacaram-se os de Benjamim Constant, Ferreira Pena, Jambu-Açu, Marapanim, Santa Rosa e Monte Alegre. Deve-se atentar que na região do Salgado, no Nordeste do Pará, muitos imigrantes estrangeiros, dentre eles, espanhóis saíram de seus núcleos de destino e foram para outras terras e se instalaram em áreas próximas dos núcleos, isso deu origem a vilarejos, como o de Simão e Mocajuba, as margens do rio Caeté, que surgiram a partir de uma reemigração de algumas famílias de espanhóis e nordestinos no final do século XIX.

Segundo a literatura, muitas famílias espanholas que chegaram (pela estrada de ferro Belém-Bragança) ao núcleo de Benjamin Constant não resistiram às adversidades encontradas na região e decepcionadas com as “falsas promessas” do governo paraense, muitas decidiram retornar à Espanha. Outros migraram para as cidades mais desenvolvidas e mais próximas do núcleo de Benjamim Constant, como a cidade de Bragança e outros migraram para Belém. Famílias espalhadas por todo o Nordeste paraense contribuíram muito com seu trabalho para o desenvolvimento e riqueza da região. O destaque de muitas famílias não ficou apenas na agricultura, mas também no comércio de manufaturas, nos transportes de alimentos, nas usinas de beneficiamento, na inserção à cultura local, no povoamento e até na política local.

No ano de 1896, os vapores Paraense, Grangense, Manauense, Dunstan e Cametense registraram na lista de passageiros com destino à Hospedaria dos imigrantes do Outeiro, 1.285 imigrantes espanhóis e no ano seguinte de 1897, os vapores Grangense, Cametense, Justin, Anselm, Lisbonense, Manauense, Polycarp e Dustan desembarcaram um total de 1.447 pessoas, totalizando apenas nestes dois anos 2.732 imigrantes espanhóis, listados com destino ao estado do Pará. Isso comprova o sucesso inicial da campanha migratória paraense realizada na Espanha para atrair imigrantes estrangeiros para trabalhar no estado, mas sabe-se que esse número foi bem maior, como sinalizado em pesquisas anteriores. Segundo Sarges o relatório do secretário Manuel Baena em 1897 apresenta ao governo do Pará a informação de que no ano de 1896 havia sido registrada a chegada de 3.145 imigrantes espanhóis em terras paraenses, sendo que 1.777 se direcionaram aos principais núcleos do estado, Jambu-Açu, Monte Alegre e Benjamin Constant, e o restante de 1.368 acabaram se instalando na capital paraense.

## **O PERFIL DOS IMIGRANTES ESPANHÓIS NO PARÁ**

As unidades familiares que foram trazidas por Emilio de Castro eram algumas vezes nucleares, com a formação do casal e seus filhos solteiros, mas havia muitos casos de famílias numerosas, em que o chefe de família, o responsável, trazia desde seus pais, sogros, genros, sobrinhos a até enteados. Observação semelhante foi feita por Emmi (2008) em relação aos italianos que vieram para a Amazônia.

Com relação aos passageiros, havia nas listas muitas mulheres jovens e sozinhas, elas declaravam-se como agricultoras, existiam mulheres mais velhas, acompanhadas apenas de um parente, que eram identificados como sobrinho ou primo. No que diz respeito aos homens, era comum ver grupos de três ou quatro homens viajando juntos, às vezes sem a presença de sequer uma mulher na família. Outros passageiros eram muito jovens, vinham sozinhos se aventurar na Amazônia paraense, estes se declaravam solteiros. Alguns possivelmente declaravam-se solteiros para tentar a vida sem a família no Pará, e se obtivessem sucesso, mandavam buscar depois esposa e toda a família. Essa estratégia adotada pelos chefes de família durou bastante tempo, pois como havia uma política migratória no Pará que por anos foi favorável, sabiam que poderiam mandar buscar suas famílias na Espanha.

A relação dos viajantes era bastante diversificada, no que diz respeito à composição dos grupos familiares, em muitas vezes diferente de outros imigrantes estrangeiros que vieram para o Pará. Há casos de grupos de espanhóis em que existiam até a vinda de padre, com filha, sobrinha e sobrinho. Possivelmente esses não seriam casos de estratégia migratória, haja vista os imigrantes poderem viajar sozinhos, e na prática não precisar declarar-se parente para ter direito a passagem, tratava-se realmente de uma peculiaridade desse tipo de imigrante. Existiam até grupos familiares fragmentados em que viajavam apenas a mãe e uma filha ou um filho, e a mãe representava a condição de chefe de família, ou seja, não se obedecia a um padrão de grupo familiar.

Quadro 1 - Lista de passageiros de Emilio de Castro (18 de abril de 1897 - vapor Justin)

<b>Grupo familiar</b>	<b>Situação</b>	<b>Província</b>	<b>sexo</b>
Pedro Fernandez	Sozinho	Leon	M
Domingo Fernandez	Sozinho	Lugo	M
Cipriano Perez Cifuentes	Chefe	Zamora	M
Anastasia Rodrigo	Esposa	Idem	F
Maria Perez Rodrigo	Filho	Idem	F
Juana Perez Rodrigo	Filha	Idem	F
Andres Perez Rodrigo	Filho	Idem	F
Jose Araujo	Sozinho	[ilegível]	M
Ramon Rodrigues Rodriguez	Sozinho	[ilegível]	M
Jose Alvares [ilegível]	Sozinho	[ilegível]	M
Juan Antonio Bonito Diegues	Chefe	Orense	M
Jose Fernandes Rodriguez	Sobrinho	Orense	M
Nicolas Morgade Lopes	Sozinha	Orense	M
Mateo Lopes Gonzales	Sozinho	Orense	M
Manuel Fontela	Sozinho	Orense	M
Francisco Moreira	Sozinho	Orense	M
Constantino Lopes Guerra	Chefe	Leon	M
Maria Franco	Esposa	Orense	F
Manuela Franco Gonzalez	Sogra	Leon	F
Lorenzo Alvarez	Chefe	Orense	M
Angela Vasquez	Esposa	Idem	F
Adelaide Alvarez Vasquez	Filha	Idem	F
Modesta Alvarez Vasquez	Filha	Idem	F
Salustiano Palomares	Chefe	Leon	M
Carmem Iglesias	Esposa	Idem	F
Severiano Palomares Iglesias	Filho	Idem	M
Bernardina Palomares Iglesias	Filha	Idem	M
Ceferino Palomares Iglesias	Filho	Idem	F
Onofre Palomares Iglesias	Filho	Idem	M
Angela Palomares Iglesias	Filha	Idem	M
			F

Manuel [ilegível] Castro	Sozinho	Coruña	M
Isabel Gundin Martinez	Sozinha	Leon	F
Juan Cornejo Calvite	Chefe	Zamora	M
Isabel Garcia	Esposa	Idem	F
Jorge Blanco Lopes	Sozinho	Leon	M
Eladio Gonzalez Mendes	Chefe	Orense	M
Florinda [ilegível]	Esposa	Idem	F
Elvira Gonzalez [ilegível]	Filha	Idem	F
Hermelinda Rodrigues Mendes	Tia	Orense	F
Manuel Lopez	Sobrinho	Idem	M
Jose Maria Lorenzo	Sozinho	Orense	M
Juan Cid Gonzalez	Sozinho	Leon	M
Eleuterio Alvarez Cadeñas	Sozinho	Lugo	M
Luiz Gonzalez [ilegível]	Sozinho	Lugo	M
Manuel Andres Martinez	Chefe	Zamora	M
Angel Andres	Filho	Idem	F
Manuel Esteves Nieves	Chefe	Orense	M
Ramona Alvarez Pereira	Esposa	Idem	F
Jovita Lopez Rodriguez	Prima	Idem	F
Maria Rosa Rodriguez	Tia	Idem	F
Rafael Aparicio Andres	Chefe	Zamora	M
Eulalia Paramio	Esposa	Idem	F
[ilegível] Aparicio Paramio	Filha	Idem	M
Pedro Calvo Rey	Chefe	Pontevedra	M
Juan Calvo Alonso	Filho	Idem	M
César Rodrigues Lemos	Sozinho	Orense	M
Augustin Santos Alvarez	Chefe	Orense	M
Teresa Colmenero	Esposa	Idem	F
Manuel Graño	Sozinho	Coruña	M
Manuel Peres Campos	Sozinho	Orense	M
Ricardo Mateo Vasquez	Chefe	Coruña	M
Josefa Mateos Arias	Filha	Idem	F
Juan Dias Arias	Enteado	Idem	M
Jose Garcia Pasalo	Solteiro	Orense	M
Pedro Prieto Gonzalez	Solteiro	Orense	M

Marcos Colmenera Aparício	Chefe	[ilegível]	M
Maria Vasquez	Esposa	[ilegível]	M
[ilegível] Colmenera Vasquez	Filha	[ilegível]	F
Nicassia Colmenera Vasquez	Filha	[ilegível]	F
Dolores Colmenera Vasquez	Filha	[ilegível]	F
Aurea Villar Lopes	Solteira	[ilegível]	F
Benito Robles Fernandez	Sozinho	Orense	M
Andres Villar Corrijo	Pai	Orense	M
Maria Villar	Filha	Idem	F
Maria Cid Bonzas	Sobrinha	Idem	F
Juan Cid Bonzas	Sobrinho	Idem	F
Serafin Did Bolanho	Sozinho	Orense	M
Jose Cid Rodriguez	Sozinho	Orense	F
Juan Cid Rodriguez	Chefe	Orense	M
Benito Cid	Filho	Idem	M
Jose Mosquera Castro	Sobrinho	Idem	M
Modesto Losada Lorenzo	Sobrinho	Idem	M
Jose Rodrigues Alonso	Chefe	Lugo	M
Maria Josefa Alvarez	Esposa	Idem	F
Francisco Rodrigues	Filho	Idem	M
Bernardo Guerrero Barja	Sozinho	Coruña	M
Juana Rodrigues Garcia	Mãe	Orense	F
Jose Rodriguez	Filho	Idem	M
Serafina Perez Fernandez	Sozinha	Orense	F
Manuel Escudero Mata	Sozinho	Leon	M
Josefa Lopes Conde	Sozinha	Orense	F
Placido Garcia Vidal	Sozinho	Leon	M
Benito Souto Cordeinña	Chefe	Orense	M
Francisco Souto	Filho	Idem	M
Angel André	Sobrinho	Idem	M
Luis Sousa Touriño	Chefe	Orense	M
Francisco Sousa Costas	Sobrinho	Idem	M
Ramon Sousa Costas	Sobrinho	Idem	M

Jose Alvarez [ilegível]	Chefe	Pontevedra	M
Dolores Alvarez Nunez	Esposa	Idem	F
Manuel Alvarez Nunez	Filho	Idem	M
Helário Roman	Chefe	Pontevedra	M
Gregoria Martinez	Esposa	Idem	F
Carolina Roman Martinez	Filha	Idem	F
Zeodoria Roman Martinez	Filho	Idem	F

Fonte: Arquivo Público do Pará, Seção: Obras públicas, Fundo : Repartição de obras públicas, terras e colonização. Série: Imigração (Listagem, Espanhóis e Italianos), Ano: 1896-1898, Caixa: 29. Tabela do autor.

A listagem de passageiros do *vapor* Justin de 1897 já sinaliza para um breve perfil do que será mostrado na análise mais a frente deste capítulo. Observando de forma rápida a listagem de passageiros, percebe-se que, com relação à origem de muitos imigrantes espanhóis, há uma predominância de imigrantes das províncias de Zamora e Orense, dando destaque à região da Galícia como uma possível região de forte emigração na Espanha. Outro aspecto a ser observado diz respeito à composição familiar desses espanhóis, pois muitos vinham em família, mas muitos também chegavam sozinhos, e o mais interessante, não era difícil encontrar mulheres emigrando também sozinhas para o estado do Pará. Quanto às casadas, muitas vinham sem a presença do esposo (como será visto mais a frente o caso de Izidra Castanho Peinado) ou apenas acompanhadas de um parente. Com relação aos vapores de 1896 e 1897 chegou-se ao seguinte contingente populacional:

Tabela 1 - Viagens e vapores com destino ao Pará (1896-1897)

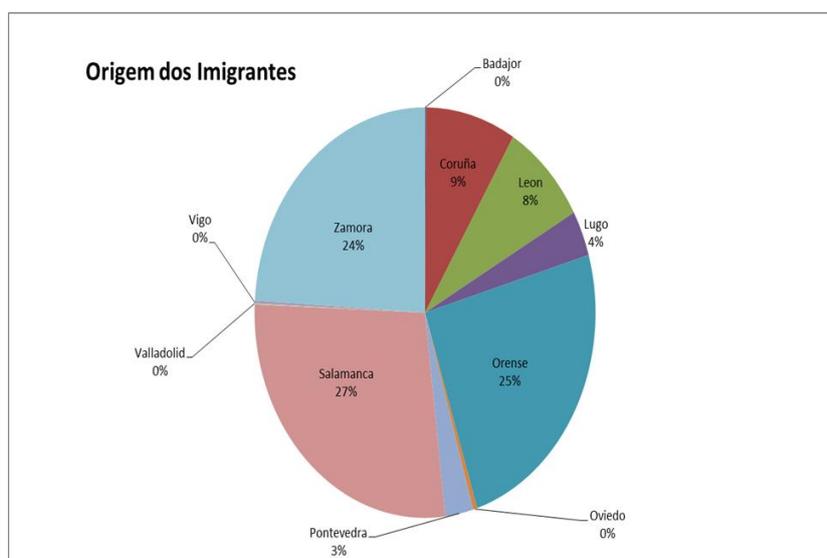
Vapores/data da viagem	Passageiros
Vapor Paraense, 19 de agosto de 1896	272
Vapor Grangense, 15 de setembro de 1896	220
Vapor Manauense, 29 de setembro de 1896	373
Vapor Dunstan, 18 de outubro de 1896	239
Vapor Cametense, 15 de novembro de 1896	212
Vapor Polycarp, 04 de dezembro de 1896	244

Vapor Grangense, 06 de fevereiro de 1897	154
Vapor Cametense, 07 de abril de 1897	289
Vapor Justin, 18 de abril de 1896	116
Vapor Anselm, 27 de maio de 1897	122
Vapor Lisbonense, 18 de junho de 1897	30
Vapor Manauense, 7 de setembro de 1897	168
Vapor Polycarp/25 de outubro de 1897	229
Vapor Lisbonense, 29 de novembro de 1897	188
Vapor Dunstan, 14 de dezembro de 1897	109
Vapor Dunstan, 15 de dezembro de 1897	42
TOTAL	3.007

Fonte: Arquivo Público do Pará, Seção: Obras públicas, Fundo: Repartição de obras públicas, terras e colonização, Série: Imigração (Listagem, Espanhóis e Italianos – Emilio de Castro), Ano: 1896-1898, Caixa: 29. Tabela elaborada pelo autor.

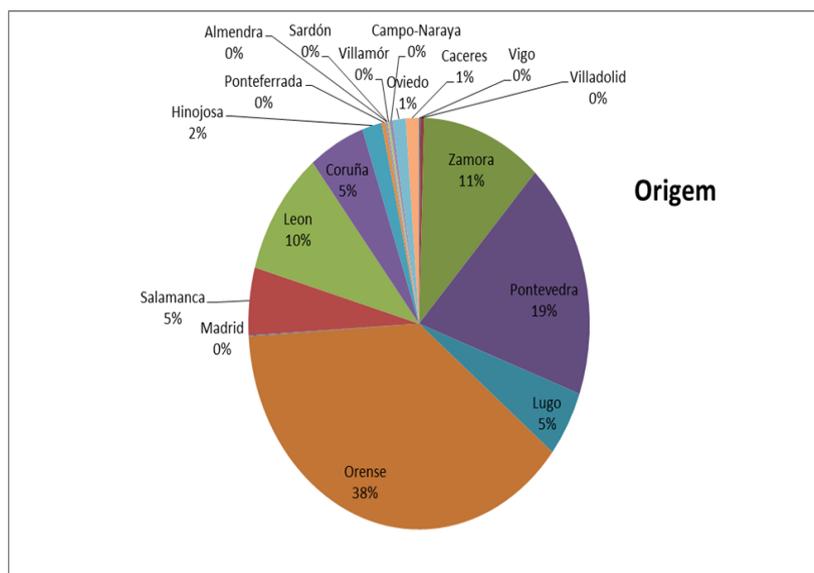
A partir das tabelas de vapores construíram-se dois gráficos da origem dos imigrantes trazidos por Emilio de Castro nos anos de 1896 e 1897. Percebe-se que o levantamento trará informações que aos poucos permitirão construir um perfil do imigrante espanhol nesses dois anos de forte migração espanhola para o estado do Pará.

Gráfico 1 - Origem dos imigrantes espanhóis (1896)



Fonte: Listas de passageiros de Emilio Castro Martins. Elaborado pelo autor (2012)

Gráfico 2 - Origem dos imigrantes espanhóis (1897)



Fonte: Listas de passageiros de Emilio Castro Martins . Elaborado pelo autor (2012)

Ao observar os dados do Gráfico 1, infere-se que, de acordo com as listas encontradas de Emilio de Castro, no ano de 1896, a população de imigrantes espanhóis tinha sua origem na comunidade autônoma de Castela e Leão (59%) e na comunidade autônoma da Galícia (41%), havia quase um equilíbrio no número de espanhóis vindos dessas duas comunidades. O destaque esteve para as províncias de Salamanca com 27% e Zamora com 24%, representando juntas 50% do total. Isso comprova que realmente no ano de 1896 as comunidades de Castela e Leão e a Galícia foram importantes por terem enviado um número significativo de espanhóis para o estado do Pará. Já no ano de 1897 (Gráfico 2), o maior percentual de imigrantes espanhóis enviados ao Pará aponta para as província de Orense (38%) e Pontevedra (19%). Ou seja, em apenas um ano, percebe-se que a comunidade autônoma da Galícia foi responsável por um percentual expressivo de 67% do total de emigrantes listados, enquanto que a comunidade de Castela e Leão tem representatividade de apenas 27% dos espanhóis. Isso faz perceber a importância da “comunidade galega” para o povoamento e para o trabalho na Amazônia paraense do final do século XIX e início do século XX.

Os dados apresentados trazem consigo uma série de inquietações, mas dentre elas, acredita-se que exista uma que parece ser fundamental para entender a história dos imigrantes espanhóis dentro do contexto das grandes migrações internacionais no Pará: Por que a comunidade autônoma da Galícia foi uma das que mais enviou imigrantes para o Estado paraense? Essa questão talvez seja difícil de responder, mas algumas

indicações talvez existam para respondê-la. Dentre elas é reconhecer que os galegos eram valorizados pela sua tradição no manuseio com a terra, por serem bons no trabalho pesado, por terem boa resistência ao sol, e pela habilidade com a agricultura, que possivelmente os permitiu desenvolver técnicas que os ajudaram a entender melhor o clima e o solo paraense.

A força do trabalho familiar dos “galegos” junto a outros imigrantes, como os cearenses, permitiu que os núcleos coloniais desenvolvessem o cultivo da mandioca. Isso fez da mandioca uma atividade agrícola comum em quase todos os núcleos coloniais do Pará, não só por se tratar de um alimento comum da região Amazônica, mas por ter sido bem aceita pelos imigrantes espanhóis como um produto de venda e que se desdobrava em outros produtos, como a farinha de mandioca.

Outro fator de atração desses imigrantes eram as afinidades étnicas, linguísticas e culturais com os portugueses que já estava há mais tempo em território paraense. Talvez este seja até um grande fator de incentivo a migrar, pois tinham certeza de que estariam em uma comunidade estrangeira originária de países vizinhos facilitando a adaptação dos imigrantes espanhóis à cultura amazônica.

Outra explicação plausível seria a dificuldade de sobrevivência que os “galegos” tinham em sua terra natal, já que não mais os possibilitavam competir no mercado de trabalho agrícola devido ao avanço tecnológico ocorrido em toda Europa. Tornava-se difícil uma família galega sobreviver dos rendimentos da lavoura pagando altos impostos estabelecidos pelo governo espanhol. Os problemas gerados pela industrialização na Europa, que exigia mão-de-obra mais qualificada tecnicamente para o trabalho nas indústrias, formou um exército de excedente de trabalhadores de campo. Essa condição de serem menos especializados favoreceu bastante a política adotada pelo governo paraense, pois investiram em uma estimulante propaganda de imigração para o estado do Pará.

Gerou-se na Espanha uma população de mão-de-obra ociosa, principalmente de “galegos”, uma população reconhecida pela habilidade com a agricultura e os trabalhos manuais. Essa população com hábitos agrícolas acabou representando muitos dos imigrantes espanhóis que estiveram no Pará final do século XIX e início do século XX.

A condição dos “galegos” serem menos “escolarizados” não significou que estivessem sempre vivendo em condições desfavoráveis, pois alguns construíram uma vida de prestígio, na agricultura, no comércio e na política paraense. No caso da região

bragantina paraense fortaleceram a economia e a sociedade local, e ainda souberam se adaptar aos hábitos e costumes da terra.

Portanto, deve-se rever a condição estigmatizada dada à população espanhola que povoou os núcleos coloniais do Pará no final do século XIX início do século XX e dar oportunidade de entendê-los como importantes para o desenvolvimento socioeconômico do nordeste do estado do Pará.

A adaptação dos imigrantes espanhóis à região nordeste do Pará fez com que muitas famílias de descendentes da região bragantina mais se reconhecem como “bragantinos” que descendentes espanhóis, isso é observado nas falas de alguns descendentes espanhóis que foram entrevistados para esta pesquisa. Subentende-se que o povoamento e a miscigenação realmente ocorreram na região deu certo e muitos moradores defendem ser mais importante uma identidade bragantina do que qualquer outra.

O que se percebeu dentro do contexto da política de colonização do Estado paraense foi que apesar do governo do Pará ter feito promessas “fantasiosas” de uma vida tranquila e de prosperidade, com expectativas positivas (não que se esteja considerando o imigrante uma vítima), os “galegos” conseguiram se adaptar à rotina das colônias agrícolas do estado.

Os “galegos” emigraram para a Amazônia paraense e chegaram de várias formas, uns sozinhos e outros em grupos familiares, ofereceram sua existência social a um novo ambiente, desconhecido, com normas e regras diferentes das que fizeram parte das suas vidas desde seu nascimento. Lugar esse o qual nem tinham ideia do que significaria para o futuro de suas vidas e de suas famílias.

Sabe-se que o número de imigrantes espanhóis introduzidos no Pará nos anos de 1896 e 1897 é bem maior, conforme apresentado por Muniz. Mas há de se considerar a importância em se fazer uma nova leitura desses dados e trazer informações novas, para que se possa entender melhor o perfil do imigrante que esteve no Pará, saber sua origem, profissão e estado civil dos imigrantes. É importante descobrir quais foram as regiões responsáveis por mais enviar imigrantes espanhóis ao Estado paraense e saber como esses indivíduos aqui chegaram e na companhia de quem estavam quando em “nossas terras” se instalaram.

No que diz respeito às outras profissões declaradas nas listas de passageiros de Emilio de Castro, além da profissão de lavrador existiram outras ocupações

profissionais. Isso para que se possa entender quais as outras atividades que foram também desenvolvidas por esses indivíduos no final do século XIX. Muniz informa a faixa etária, o estado civil e a profissão dos imigrantes. Quando trata do quesito profissão, apresenta apenas a profissão de lavrador como dado mais importante para concluir o perfil de trabalho do imigrante espanhol no estado do Pará. No entanto sabe-se que houve em várias cidades do Pará, como na cidade de Bragança, no Nordeste Paraense, uma atuação do imigrante espanhol não só na agricultura, mas também em outras atividades de trabalho, a exemplo as famílias Lhamas e Castanho.

Entender os imigrantes espanhóis que estiveram no nordeste do Pará no final do século XIX e início do século XX, “quase sempre” como agricultores fracassados ou imigrantes sem experiências em outras áreas do trabalho, pode criar um estereótipo negativo à história de vida dos descendentes desses indivíduos, não os estimulando a querer retomar a importância de sua própria história, desestimulando gerações que podem passar a acreditar que nada pode ser dito ou lembrado de positivo de seus ascendentes familiares.

Deve-se mostrar o quanto os “galegos” foram importantes para o povoamento e desenvolvimento dos núcleos coloniais da Amazônia paraense, pois souberam se incluir ao cotidiano da vida amazônica, passando a compartilhar da mesma vivência de muitos nativos. Os documentos históricos existentes proporcionam interpretá-lo a partir de um olhar menos preconceituoso, permitindo ser mais flexível para entender a importância desses indivíduos não só para a economia das colônias do estado, mas também para a formação da sociedade do nordeste do Pará.

Os espanhóis sofriam muito com o preconceito de classe, estereótipos que evidenciassem sua miséria e sua falta de instrução eram mais frequentes do que aqueles de caráter étnico. O fato de ser, em geral, mais pobres e menos instruídos do que os imigrantes de outras nacionalidades corroborava essa situação de preconceito.<sup>5</sup>

Palma Muniz, como foi dito, ao levantar dados dos anos de 1896 a 1897, dá maior destaque apenas à profissão de lavrador. No entanto, se forem somados os campos dos “sem profissão definida” (1.479 imigrantes), e “outras” (47 imigrantes) da lista de passageiros do contratante Emílio de Castro, o ano de 1896 apresentará um quantitativo de 1.526 trabalhadores em outras atividades que não eram o da agricultura.

---

<sup>5</sup> SOUSA, I. I. **Espanhóis: história e engajamento**. São Paulo: Cia Nacional, 2006. (Série Imigrantes no Brasil), p. 82

Assim, entende-se que esse contingente possivelmente deveria ser maior, visto que muitos imigrantes espanhóis omitiam sua verdadeira profissão e se diziam agricultores como uma estratégia para poder se ajustar ao programa de migração adotada pelo governo do estado do Pará. Em 1897, o somatório nos campos “sem profissão definida” e “outras profissões” do contratante Emílio e Castro, apresentou um total de 1.250 imigrantes, muito próximo do que foi o ano anterior. Ou seja, houve uma emigração de espanhóis que atuaram em diversas áreas do trabalho no Pará. Muitos se dedicaram a profissões como barbeiro, cocheiro, comerciante, alfaiate, carpinteiro, costureiro, jornaleiro, ferreiro, enfim, havia necessidade dos imigrantes atuarem em profissões que dessem suporte à própria existência da atividade na região, a agricultura, pois os núcleos desenvolviam-se e havia carência e profissionais de outras áreas para dar suporte a própria estrutura local da colônia. Isso demonstra que não somente os agricultores foram importantes para fortalecer a economia dos núcleos coloniais, mas também houve a participação de outros profissionais na dinâmica urbana desses lugares, alguns criavam seus próprios comércios (como será visto no caso do núcleo de Benjamin Constant) ou, às vezes, desempenhavam atividades de trabalho atendendo toda a região.

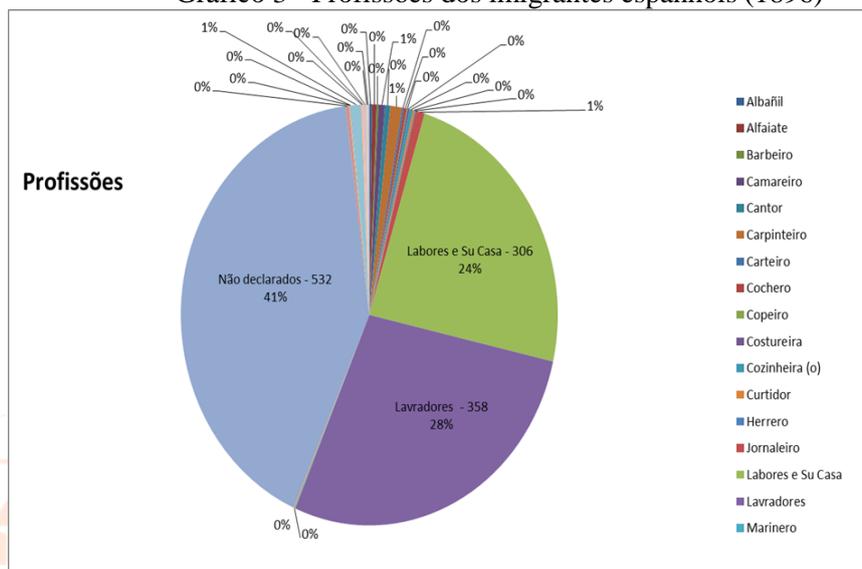
No que diz respeito ao gráfico das profissões elaborado a partir dos dados da lista de passageiros Emílio de Castro (Gráfico 3), para o ano de 1896, o que se percebe é que do total de 1.285 passageiros, em torno de 358 declararam-se lavradores, representando 28% dos imigrantes espanhóis. Mas todas as profissões não declaradas e as restantes declaradas juntas, entre elas a de marinheiro, ferreiro, cozinheiro, carteiro, cantor e pedreiro chegaram a atingir 70% do total, isso significando que os números juntos de outras profissões atingem um percentual bem maior que a profissão de lavrador<sup>6</sup>. Isso nos faz crer que talvez o número de lavradores talvez pudesse ser até menor que 28%, haja vista que muitos se declararam desta forma para serem contemplados com os benefícios da política migratória do governo do estado do Pará. Diferentemente ocorreu no ano de 1897 (Gráfico 4), quando existiu um maior controle por parte do Estado em exigir dos contratantes um número bem maior de lavradores para o trabalho no campo. Conforme é apresentado em 1897, o percentual de lavradores supera os 50% do total das profissões, parecendo obedecer a um perfil desejado pelo governo. Porém isso não define uma conclusão a respeito das profissões desses

---

<sup>6</sup> Profissão apresentada por Palma Muniz (1916) como de maior incidência no Pará.

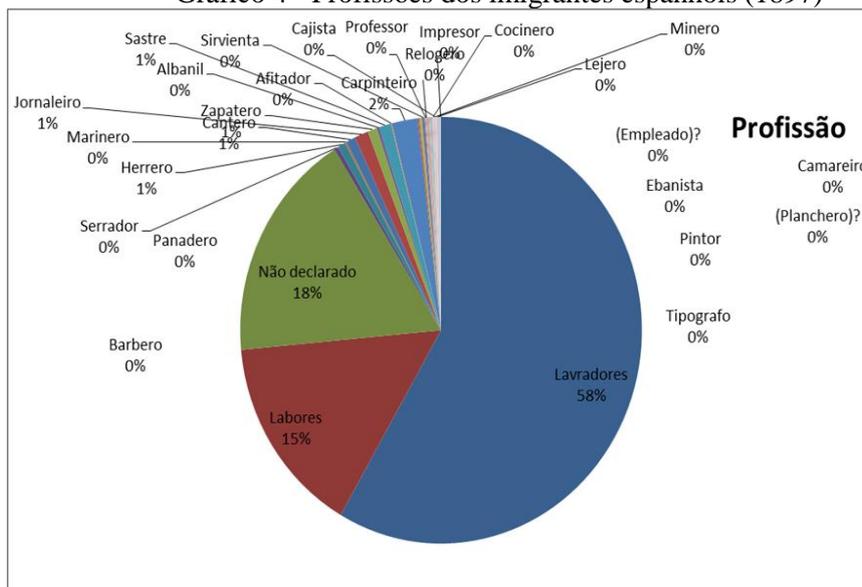
imigrantes, pois muitos negavam sua profissão para se beneficiar da política imigratória do governo do estado do Pará e ganhar todos os direitos e benefícios que lhes foram prometidos na propaganda imigratória na Espanha. Apesar deste aumento no número de passageiros declarados lavradores, continua a permanência de outras profissões como sapateiro, carpinteiro, alfaiate e jornaleiro, demonstrando que outras atividades eram desenvolvidas pelos espanhóis tanto nos núcleos, como nas cidades maiores, como a capital Belém.

Gráfico 3 - Profissões dos imigrantes espanhóis (1896)



Fonte: Listas de passageiros de Emilio Castro Martins. Elaborado pelo autor (2012)

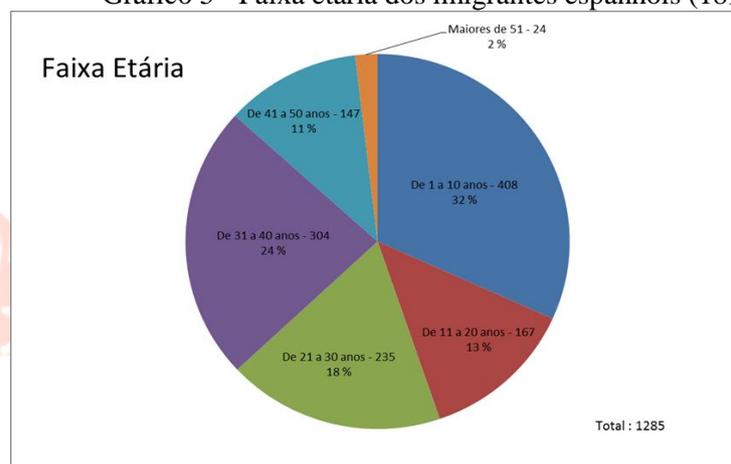
Gráfico 4 - Profissões dos imigrantes espanhóis (1897)



Fonte: Listas de passageiros de Emilio Castro Martins. Elaborado pelo autor (2012)

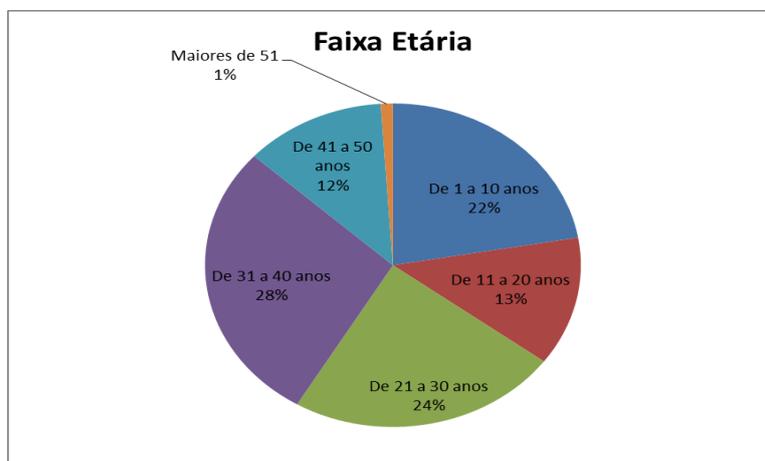
Com relação à faixa etária apresentada na lista de passageiros de Emilio de Castro, o ano de 1896 (Gráfico 5) apresenta uma significativa entrada de imigrantes na faixa etária entre 1 e 10 anos, com o número de 408 pessoas (32% do total) de 1.285 passageiros, na faixa etária entre 31 a 40 anos foram 304 passageiros (24% do total). No ano de 1897 (Gráfico 6) existiram três faixas de idade muito próximas, 1 a 10 anos foram 320 passageiros (22%), 21 a 30 anos foram 336 passageiros (24%) e 31 a 40 anos foram 406 passageiros (28%). Portanto, percebe-se que havia uma preferência por uma faixa etária de imigrantes espanhóis que não ultrapassassem a idade máxima de 40 anos, pois havia preferência pelos imigrantes que pudessem oferecer ainda sua força de trabalho, e quando não, que fossem a futura força de trabalho, como é o caso dos mais jovens, menores de 10 anos.

Gráfico 5 - Faixa etária dos imigrantes espanhóis (1896)



Fonte: Listas de passageiros de Emilio Castro Martins. Elaborado pelo autor (2012)

Gráfico 6 - Faixa etária dos imigrantes espanhóis (1897)

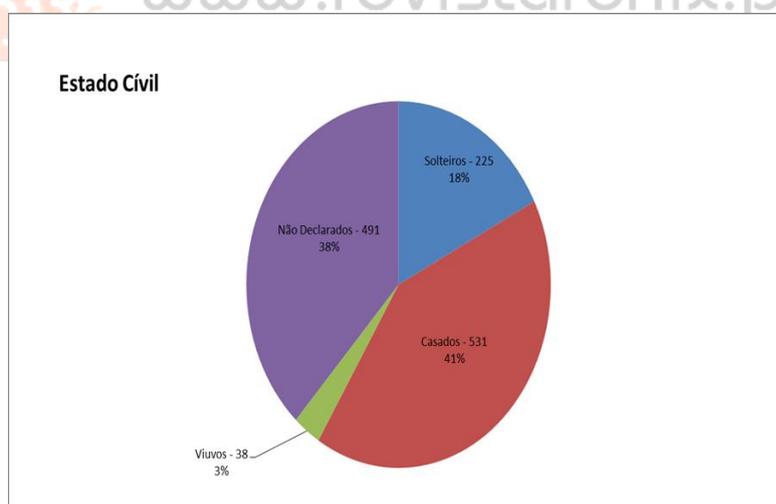


Fonte: Listas de passageiros de Emilio Castro Martins. Elaborado pelo autor (2012)

Sabe-se que a preferência por homens jovens e adultos era uma determinação da política migratória, havia interesse pelos imigrantes cheios de vida e com muita força de trabalho a oferecer ao estado. Mas, enquanto ao estado civil desses indivíduos?

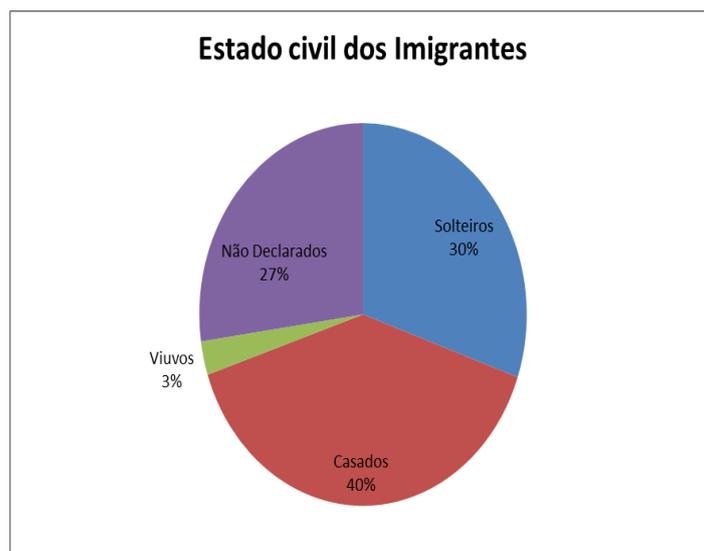
O que se percebe nos gráficos de faixa etária da listagem de passageiros de Emilio de Castro é que no ano de 1896, do total de 1.285, os casados foram a maioria com o número de 531 passageiros (41%), os não declarados com 491 (38%), os solteiros eram 225 (18%) e viúvos 38 passageiros apenas (3%). Em 1897, foram 1.447 passageiros dos quais os casados predominam com um número de 525 passageiros (40%), os solteiros com 426 passageiros (30%), os não declarados eram 383 passageiros (27%) e os viúvos 40 passageiros (3%) e 42 passageiros eram ilegíveis (3%). Entende-se que a maioria dos imigrantes que chegaram ao Estado Paraense possivelmente fora de homens casados, que em muitas vezes negavam sua condição de matrimônio para não perderem a oportunidade de migrar, mas que logo depois conseguiam fazer com que seus familiares estivessem junto de si, não só suas esposas e filhos, mas em muitas vezes buscavam parentes mais distantes como sobrinhos, enteados, primos e até tios mais distantes (Gráficos 7 e 8).

Gráfico 7 - Estado civil dos imigrantes espanhóis (1896)



Fonte: Listas de passageiros de Emilio Castro Martins. Elaborado pelo autor (2012)

Gráfico 8 - Estado civil dos imigrantes espanhóis (1897)



Fonte: Listas de passageiros de Emilio Castro Martins. Elaborado pelo autor (2012)

A comprovação da numerosa representatividade dos espanhóis nas colônias paraenses está no quantitativo de passageiros dos 16 vapores que vieram nos anos de 1896 e 1897 somente sob a responsabilidade de Emílio de Castro. Se comparados aos dados de Palma Muniz referentes aos anos 1896 a 1900, em que analisa o quantitativo de imigrantes espanhóis que foram introduzidos pelos contratantes Emilio de Castro e Francisco Cepeda, percebe-se que, apesar da inexistência de muitas listas nominais de espanhóis entre os anos de 1896 e 1897, o somatório quantitativo de imigrantes espanhóis introduzidos em cada ano por Emilio de Castro, está muito próximo das informações fornecidas por Palma Muniz. O expressivo número poderia ter sido bem maior, haja vista os dados não definirem uma totalidade. Mesmo sabendo dessa imprecisão, procura-se diante de tantos números e percentuais apresentar um breve perfil desse emigrante que aparece listado por Emilio de Castro nos anos de 1896 e 1897.

A partir dos dados levantados, verificou-se uma grande representatividade de espanhóis das províncias de Salamanca, Zamora e Orense, uma maioria trabalhava na profissão de lavrador com quase uma igualdade estatística em comparação com aqueles que se definiram sem profissão. A maioria desses imigrantes espanhóis eram casados e estavam quase na mesma proporção dos solteiros.

Compreende-se que, diante do levantamento de dados das listas de Emilio de Castro dos anos de 1896 e 1897, muitos imigrantes omitiram sua profissão por temerem

em não fazer parte da lista de viajantes de Emilio de Castro, já que havia um perfil exigido de imigrante. Muitos achavam que poderiam estar fora do perfil solicitado pelo governo do Pará, logo omitiam sua profissão ou declaravam-se lavradores. A prova disso é que alguns ofícios de administradores de núcleo do estado do Pará, encontrados no arquivo do estado do Pará, apresentam alguns pedidos de repatriamento à inspetoria de terras e colonização do Pará alegando incompatibilidade com o trabalho de lavrador.

Outra questão a se observar é que uma maioria desses imigrantes era de jovens, apesar do forte contingente de adultos. Acredita-se que muitos desses jovens que vieram na companhia de um parente ou na companhia dos próprios pais, temiam a situação instável da Espanha, gerada principalmente pelas guerras. Muitos tinham receio de servir ao exército e jamais voltar vivo para sua terra, logo decidiam emigrar como uma saída daquela situação de constante tensão.

Enfim, pode-se afirmar que os espanhóis que povoaram e trabalharam nas colônias agrícolas do Pará eram em sua maioria adultos casados, com origem na Galícia e se definiam como agricultores (lavradores). Entende-se que esses “galegos” vieram no contexto das grandes migrações do final do século XIX e início do século XX, atraídos pelo trabalho agrícola existente nas colônias do estado e almejavam construir uma nova vida longe dos problemas que havia na Espanha, como as guerras e o desemprego.

**RECEBIDO EM: 03/02/2015**

**PARECER DADO EM: 17/12/2015**